

O Rio de todos os Brasis - capítulo 4: O café e o Rio de Janeiro

Em 1822, a importância do café é tão significativa que foi escolhido para figurar junto com o fumo na bandeira do Império brasileiro. O café, como principal atividade, teve sua origem no interior da cidade. Prevaleceu a grande propriedade de terra e mão-de-obra escrava na maior parte das etapas, inclusive no transporte.

Para plantar os cafezais foram necessários solos férteis, bem drenados e a derrubada de matas virgens. No período inicial do plantio, eram plantados milho e feijão nas entrefilas, que eram utilizados na alimentação dos escravos. Depois da muda já crescida, essas plantações paralelas tinham que ser suspensas por causa da saia do pé do café. Logo, a demanda por alimentos aumenta e estimula a diversificação agrícola. As mudas, por não serem plantadas em curva de nível, apressavam a erosão e os solos eram rapidamente esgotados.

No final do período de 1835 a 1867, o Rio produzia 90% do café do Brasil. Na primeira metade do século XIX, a Província Fluminense representava 60% da produção mundial. A fronteira do café evoluiu simultaneamente com a ferrovia.

O desenvolvimento ferroviário fez com que pequenos portos e pequenas embarcações fossem abandonados. Já o vapor de navegação causou uma reorganização portuária no Rio, aumentando a importância de Niterói.

O café foi fundamental para o crescimento do dinamismo urbano do Rio uma vez que reativou a importância do porto, do comércio atacadista e de luxo, a construção imobiliária, dentre outros.

A marcha do café em direção ao interior do estado do Rio fez com

que se desenvolvessem cidades sem dinamismo, com varejo insignificante, somente para a hospedagem dos trabalhadores do café que ficaram desertas quando houve o declínio da cafeicultura. As praças do Rio eram responsáveis pelo varejo diversificado e abastecimento das fazendas do interior.

Apesar de grande destaque da produção cafeeira do Rio de Janeiro, a agricultura não tinha participação significativa na receita do estado. Os demais estados e regiões se articulavam com o Rio para suprir a demanda por alimentos e materiais em geral.

A combinação de sistemas de capital mercantil com o suprimento de moedas pela proximidade com as Geraes, fez do Rio o epicentro do giro comercial cafeeiro. O sistema só era dinâmico devido à constante oferta de escravos. Uma vez interrompido o tráfico negreiro, o Rio precisou drenar escravos de outras regiões do país para sustentar a cafeicultura.

Entre 1800 e 1850, a produção cresce de maneira elevada apesar da interrupção do tráfico negreiro. Porém, entre 1870 e 1900 o café fluminense entra em declínio.

Mesmo com o declínio do café, o porto do Rio continuou a ser responsável pelas exportações desse produto e, em 1930, 50% das importações brasileiras passavam por esse porto.